

# O MITO DE ORIGEM DO GUARANÁ E DOS MAWÉS: A METAMORFOSE COMO MODELO DE CONSTITUIÇÃO DA HUMANIDADE PELO SINCRETISMO COM A NATUREZA E O DIVINO

**ANDRÉ FILIPE NORONHA SILVA\***

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 8 mar. 2019. Aprovado em: 18 jun. 2019.

Como citar este artigo: SILVA, A. F. N. O mito de origem do guaraná e dos mawés: a metamorfose como modelo de constituição da humanidade pelo sincretismo com a natureza e o divino. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 19, n. 2, p. 115-121, 2019. doi: 10.5935/cadernosletras.v19n2p115-121

## Resumo

Neste artigo, mostramos que os mitos de origem apontam para as reflexões que o homem faz sobre sua própria condição. Analisamos de maneira específica um mito de origem por metamorfose dos indígenas brasileiros Sateré Mawé. Vimos que, no mito de origem, o surgimento do próprio povo ocorre por meio de um sincretismo entre entes sobrenaturais, seres naturais vegetais e animais. Vimos que o mito de origem Sateré Mawé aponta para uma visão de mundo em que tudo é composto de tudo, cuja fronteira fluida entre animal, vegetal e sobrenatural permite que se combinem e se sincretizem gerando novas criações.

---

\* E-mail: andrefilipeaefe@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-3036-2403>

## Palavras-chave

Mitos indígenas. Metamorfose. Cosmogonias.

## INTRODUÇÃO

O estudo dos mitos contribui para o aprofundamento da reflexão sobre a própria condição humana. Para além da ideia de que os mitos são apenas histórias fictícias, exóticas, são, na verdade, uma profunda reflexão sobre a própria condição. Segundo Eliade (1998), o mito possui um caráter sagrado por se tratar sempre de uma narrativa em um tempo primordial que resgata a origem de determinada condição atual da humanidade. Nesse sentido, todo mito é uma narrativa de criação:

[...] o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio” [...] o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmos, ou apenas um fragmento [...]. É sempre, portanto, uma narrativa de “criação” (ELIADE, 1998, p. 11).

Por se tratar de uma história de origem, o mito revela como e por que as coisas são como são no tempo presente. Esses eventos míticos modificam a história humana e, por isso, explicam a condição atual: “O homem, *tal qual é hoje*, é o resultado direto daqueles eventos míticos, *é constituído por aqueles eventos*” (ELIADE, 1998, p. 16).

A comunidade reprodutora dos mitos crê que a essência da cultura justifica a existência atual. O mito, portanto, dá sentido à existência e mantém a cultura coesa: “O mito lhe ensina as ‘histórias’ primordiais que o constituíram existencialmente, e tudo o que se relaciona com a sua existência e com o seu próprio modo de existir no Cosmo o afeta diretamente” (ELIADE, 1998, p. 16). Por isso, compreender o significado que esses mitos revelam serve-nos como uma arqueologia das reflexões humanas sobre sua própria condição.

Um modelo peculiar de mito de origem é daqueles que ocorrem por meio da metamorfose. Ao analisar a obra *Metamorfoses*, em que o poeta romano Ovídio narra diversos desses mitos de origem por metamorfose, Santos e Atik (2011, p. 35-36) constatam que “o mito [é] como um ‘cosmo de variedade combinatória’” e que a “metamorfose [é] como uma lei do universo”.

Esse universo mítico possui uma essência em que qualquer ser pode ser combinado e transformado em outro ser novo por meio de uma transformação, a metamorfose. Para Santos e Atik (2011, p. 33),

Metamorfose é uma transformação natural de um ser como resultado tanto de uma intervenção exterior, quanto de uma mutação interna provocada por grande sofrimento. A metamorfose torna-se, portanto, o melhor meio de explicar e justificar, poeticamente, a inter-relação do mundo humano tanto com o mundo da natureza quanto com o mundo divino.

Assim, nesse universo mítico, a metamorfose é a explicação mítico-poética de uma relação simbiótica entre a humanidade, a natureza e o divino. Quando se dá a metamorfose, o ser transformado permanece e contribui com sua essência na constituição do outro ser transformado – humano, natural ou divino – dando-se o sincretismo entre eles: “A metamorfose se apresenta [...] como uma espécie de continuidade, pois aquele que é transformado em animal, em planta, em pedra, não morre apenas, mas permanece, de alguma forma, em uma alteridade” (SANTOS; ATIK, 2011, p. 32).

Temos, assim, um universo mítico em que as fronteiras entre o animal, o humano e o divino são fluidas, e em que a essência dos seres se interpenetra, se transforma e se recria:

O fenômeno que transforma o ser em outro, a metamorfose, estabelece uma linha contínua entre todos os seres, uma vez que o ser transformado, principalmente o humano, em uma *mutata forma* preserva, imutável, a *mens* que permanece (SANTOS, 2008, p. 137).

Suspeitamos que os mitos de origem da humanidade por meio da metamorfose geram uma cultura e trazem uma essência para a humanidade bastante distinta de outros mitos em que homem e mulher são criados de forma intencional e por composição por um ou mais demiurgos, como as narrativas de origem judaico-cristãs e as greco-romanas.

Pretendemos a seguir aplicar essas definições de metamorfose na narrativa dos Sateré Mawés de origem comum do guaraná e da humanidade, e mostrar essa fluidez de espécie evidenciada nos mitos.

Os Sateré Mawés vivem em sua maioria na região do Médio Amazonas, na Terra Indígena Andirá-Marau, entre o Amazonas e o Pará. Embora ainda guardem suas tradições, o primeiro contato com os brancos remonta ao século

XVII, com os jesuítas. Os mawés falam a própria língua e são eles os inventores da cultura do guaraná. Por sinal, encontram no fruto do guaraná a própria autoimagem, oriundo de seu mito de origem.

A cosmogonia dos Sateré Mawés está mitografada por um próprio mawé, Yaguarê Yamã (2007), em *Sehaypóri: o livro sagrado do povo Saterê-Mawé*, publicado pela Editora Peirópolis. Dentre muitas narrativas de criação, Yaguarê conta a história de um ente sobrenatural feminino da floresta chamada Anhyã-muasawyp, que estava exilada de seu jardim, o Nusóken, por seus dois irmãos, por ter gerado seu filho Karahuê de uma cobrinha-macho.

Uma vez, para provar da castanha que havia apenas no Nusóken, o filho de Anhyã-muasawyp entrou escondido no jardim e foi direto para a castanheira. Lá, porém, estava a cotia, que recebera ordens de matar o garoto caso ele aparecesse. Quando a cotia o viu, obedeceu às ordens e matou o garoto, decapitando-o.

Quando Anhyã-muasawyp encontrou o filho, chorou alto, dizendo:

Está bem meu filho, foram seus tios que o mandaram matar. Mas se eles pensam que, matando, irão acabar com sua existência, estão muito enganados; irão ver que a sua morte se transformará em bênção e pelo seu destino, um fraco não hás de ficar (YAMÃ, 2007, p. 55).

A mãe voou com o corpo do filho para a região do rio Marau. Lá, arrancou o olho esquerdo do garoto e o plantou em terras amarelas, onde nasceu o waraná-hop, o falso guaraná, chamado também de caferana. Depois, arrancou o olho direito e o plantou em terras pretas, no oeste do Nusóken, e desse olho nasceu a planta do guaraná, chamado de waraná-sesé.

Depois disso, a mãe fez magia no corpo do filho antes de o sepultar. Por isso, da sepultura do filho saíram muitos animais, que se espalharam na floresta. Finalmente, saiu da sepultura o primeiro homem, renascido de Karahuê, chamado Mary-Aypók, que significa “homem verdadeiro”. Depois saiu outro menino, o wasary-pót. O primeiro casou-se com um papagaio, e o segundo, com uma ararapiranga. Desses casamentos surgiram os mawés.

Percebe-se, por meio desse enxuto resumo da narrativa da criação contada por Yamã (2007), que a humanidade e os mawés possuem uma origem comum com o guaraná (um fruto), com vários animais e com entes sobrenaturais, oriundos do corpo de Karahuê.

Percebe-se que a origem do fruto do guaraná oriundo dos olhos do ente sobrenatural possui uma relação clara de semelhança, já que o fruto do gua-

raná se assemelha muito ao globo ocular. Assim, ao ser transformado, o olho de Karahúê compartilha sua forma, seu corpo. Conforme Santos e Atik (2011, p. 41):

Para que ocorra uma transformação metamórfica deve haver entre os seres um vínculo de proximidade, ou seja, é a chamada lei do íntimo parentesco entre as coisas e seres existentes no mundo que permite acontecerem maravilhosas transformações sem que pareçam inverossímeis.

Assim, o fruto do guaraná tem semelhanças com o globo ocular, pois dele é originário. O “corpo” do olho foi sincretizado à essência do novo fruto.

Porém, além dessa semelhança física entre o fruto e o olho, vemos que, nas histórias míticas dos mawés, na genealogia de origem da humanidade, a fronteira entre espécies é bastante fluida. Um ente sobrenatural feminino engravida de um animal macho, que gera outro ente sobrenatural macho. Desse corpo, surge uma planta, diversos animais e o próprio homem. Esse homem cruza com outros animais, gerando, enfim, o povo mawé.

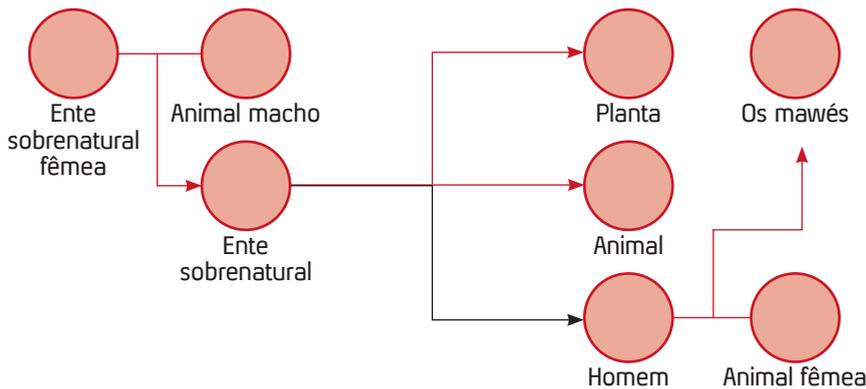


Figura 1 – Genealogia mítica dos mawés.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Vemos que, na cosmologia mítica dos mawés, as fronteiras entre o divino, o animal, o vegetal e o humano são mínimas e se interpenetram, de tal modo que a identidade humana se dilui nesses outros seres. Todos são compostos de todos. Todos possuem um ancestral comum. Não há uma diferença radical, essencial e, portanto, existencial entre a humanidade, o animal, o vegetal e o sobrenatural, afinal, “a transformação só é exequível porque há algo em

comum entre o ser e o objeto, animal ou planta em que um ser será transformado” (SANTOS, 2008, p. 142).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que os mitos de origem da humanidade apontam para as reflexões dos povos primitivos sobre sua própria condição e que os mitos de transformação apresentam um universo mítico no qual o mundo sobrenatural, a humanidade e o mundo natural se sincretizam e podem ser transformados, compondo e originando novos seres.

No mito de origem do guaraná dos mawés, vimos que a aparência física do globo ocular do ente sobrenatural, o “corpo” do olho, permanece na essência do fruto que surge a partir dele, o guaraná. Vimos ainda que, do sincretismo entre um ser sobrenatural feminino e um animal, surge um ser sobrenatural masculino, de cujo corpo surgem espécies vegetais e animais por meio da intervenção mágica, e o próprio homem, finalmente.

Assim, no universo mítico dos mawés há uma variedade combinatória em que se entrecruzam seres sobrenaturais e naturais, e as fronteiras entre animal, vegetal e humano são bastante fluidas, possibilitando a metamorfose.

## The Guaraná and Mawés origin myth: metamorphosis as a model for constitution of humanity by sincretism with nature and the divine

### Abstract

In this article, we show that the myths of origin point to the reflections that man makes about his own condition. We analyzed in a specific way a myth of origin by metamorphosis of the Brazilian natives Sateré Mawé. We have seen that, in the myth of origin, the emergence of the people themselves occurs through a syncretism between supernatural beings, natural plant and animal beings. We have seen that the Sateré Mawé myth of origin points to a world view in which everything is composed of everything, whose fluid border between animal, vegetable and supernatural allows them to combine and to be syncretized generating new creations.

## Keywords

Indigenous myths. Metamorphosis. Cosmogonies.

## REFERÊNCIAS

ELIADE, M. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

SANTOS, E. P. dos. *Mens manet*: identidade e “outridade” nas *Metamorfoses* de Ovídio. *Classica*, v. 21, n. 1, p. 135-156, 2008.

SANTOS, E. P. dos; ATIK, M. L. G. *Metamorfose e Metaformose*: uma leitura mítico-dialógica do mito do Narciso em Ovídio e em Leminski. *Todas as Musas*, ano 3, n. 1, p. 1275-1277, jul./dez. 2011.

YAMÃ, Y. *Sehayóri*: o livro sagrado do povo Saterê-Mawé. São Paulo: Peirópolis, 2007.